ensaios



O Um – do impasse ao passe

Antonio Quinet

"Há um"[1], bradou Lacan ao longo de seu ensino. Que Um é esse? Como definir o um no campo da linguagem e no campo do gozo? Nos dois campos o Um é o Um do significante: é aquele que constitui um mundo, o mundo do ser falante. Mas esse Um, S_1, funciona da mesma maneira nos dois campos?

[1] *Il y a de l'Un*. Lacan emprega o partitivo do francês para acentuar a unidade singular do Um.

1. o um no campo da linguagem

No seminário sobre a identificação, Lacan retoma a contribuição de Saussure para lembrar que "o que distingue o significante é o fato de ser tudo aquilo que os outros não são; o que no significante implica essa função da unidade é justamente ser somente diferença. É como pura diferença que a verdade, em sua função significante, se constitui".[2] A era teológica corresponde à noção de identidade em que A = A, enquanto na era da lingüística, em que Lacan insere a psicanálise no campo da linguagem, A ≠ A. O mesmo significante não é o mesmo quando muda de lugar, quando se repete numa mesma cadeia ou ainda quando retorna num outro lugar. Ele é o mesmo e não é o mesmo; não é idêntico a si mesmo. A unidade no campo da psicanálise não tem por função a unificação e sim a distinção. Essa unidade é encontrada e generalizada por Lacan no traço unário – relativo ao segundo tipo de identificação descrito por Freud no texto "A psicologia das massas e análise do ego" –, o traço distintivo que está na base de toda identificação. Paradoxo: esse traço de diferença pode ser tomado e utilizado por diversos sujeitos ao mesmo tempo. E, assim, o que era diferença se torna traço de igualdade por meio do mecanismo da identificação de vários sujeitos com um único traço de um único sujeito. O exemplo que Lacan propõe em *O seminário – livro 9* é o bigode de Hitler em relação ao nazismo de massa. Nesse caso, o traço de unidade torna-se traço de unificação de uma multiplicidade, traço distintivo do grupo assim constituído. Mas não se deve confundi-los: o mesmo traço ocupa funções diferentes.

[2] Lacan. *O seminário – livro 9: A identificação*, (lição de 21/11/1961).

Por um lado temos a função do Um na medida em que ele constitui um conjunto: é o Um que reúne, ajunta. Esse é o

Um da síntese, o Um do *Einheit*, que é o "grande Um que domina todo o pensamento de Platão a Kant, o Um que para Kant, como função sintética, é o modelo mesmo do que na categoria *a priori* traz consigo a função de uma norma, a ser entendida como regra universal".[3] Trata-se do Um da Lei, o S_1 que se encontra como agente do discurso do mestre como aquele que faz a Lei; o Um instituinte da norma.

[3] Lacan (*Ibid.*, lição de 21/02/1962)

Por outro lado, há o Um do *Einzigkeit*, a unicidade expressa como tal do traço unário. Essa unidade, distinta do círculo que reúne, é essa coisa não situável, aporia para o pensamento, pois é tanto mais puro, simplificado, quanto for reduzido a qualquer coisa; reduzindo-se portanto a um Um. E Lacan conclui nessa mesma lição: "Se a função que damos ao Um não é mais a do *Einheit* e sim a do *Einzigkeit*, é que passamos das virtudes da norma às virtudes da exceção".[4]

[4] *Ibid.*

O Um da exceção, traço distintivo do sujeito, "*esse* Um" é um S_1 que o representa (para o outro significante) e que podemos encontrar no discurso do mestre como discurso do inconsciente. Mas em relação a esse Um de distinção o sujeito se inscreve como ausente; ele faz objeção ao Um furtando-se: é o significante pulado da cadeia, o significante a menos, o significante barrado ($S\!\!\!/$). O sujeito é o -1 do significante-mestre; é o menos-um do Um. Ele não se deixa agarrar pelo Um e, no que diz respeito à representação, não há apenas um Um que o represente, pois qualquer Um pode representá-lo. Nesse mesmo *O seminário – livro 9*, Lacan utiliza o toro para ilustrar a dialética da demanda e do desejo no qual o sujeito é simbolizado pela volta não contada (-1) das voltas da demanda. O traço unário nos permite contar cada volta da demanda como Um: o sujeito é o -1 que responde ausente das voltas da demanda do Outro, que é sempre demanda de amor.

Na análise, o Um se situa do lado do analista por meio do traço significante qualquer da transferência que o coloca no lugar de ideal do eu (I(A)) correlativo ao sujeito suposto saber. O Um do traço transferencial dá lugar então ao Um do amor de transferência, e assim a fenomenologia da transferência faz o Um do traço diferencial transformar-se no Um da unificação. Pois o analisante situa o analista no lugar em que ele se vê digno de seu amor. O Um do Eros promove a vertente "formar um casal", fazer Um com o analista-parceiro, e o analisante, preso nessa vertente, desinteressa-se de sua análise, pois está interessado é no analista – o que faz impasse na análise. Poder contar com o Outro é o *Wunsch* do neurótico: se eu conto para ele não sou mais a volta que não foi contada de seu

amor, posso, portanto, contar com ele. Mas o sujeito não pode contar com o Outro que falta, assim, para evitar esse "não contar", o sujeito exige que o Outro não lhe falte. Daí a emergência do Um do unário do amor com suas variantes: sinal da identificação do Outro com o Um que vai do Um místico (fazer Um com o Outro divino) ao Um cômico, o animal-bola com quatro braços e quatro pernas descrito por Aristófanes no Banquete de Platão. A operação analítica consiste em levar o sujeito a dissipar "essa miragem do Um que se acredita ser".[5]

[5] Lacan. *O seminário – livro 20. Mais, ainda* (1972-1973), (1982, p. 46)

2. o um no campo do gozo

O gozo não se deixa apreender todo, pois não há universal do gozo. Ele se desdobra, resiste a se deixar aprisionar pelo significante fálico – o gozo transborda a borda do sexual. Ele só se deixa conduzir nos objetos mais-de-gozar de maneira episódica. Mas se encontra também no saber (S_2) como meio de gozo, e invade o significante que como S_1 – longe de fazer a função do Um que o barra como o Nome-do-Pai – comemora a irrupção do gozo. Em suma, no campo do gozo, S_1, S_2 e *a* são modalidades de gozo e o sujeito é a resposta do real. O sujeito é o efeito do encontro traumático com o real do sexo do qual ele conserva a representação sob a modalidade do Um do trauma, o S_1 traumático. No campo do gozo o Um só existe como significante dessa irrupção, desse transbordamento, significante do excesso, significante-mestre que não domina o gozo.

Do S_1 ao enxame

O S_1 é o significante do encontro faltoso com o sexo, o significante do trauma condenado à repetição. Esse S_1 que o analisante terá que produzir, como uma prova jurídica, em sua análise, é um significante recalcado na neurose. O que não é o caso da psicose.

Na esquizofrenia há *dispersão* desse significante que se manifesta nas vozes, nos olhares, nas palavras entrecortadas e frases interrompidas. O significante traumático está em toda parte enquanto disperso.[6]

[6] Cf. Quinet. Bleuler com Freud e Lacan, (1999, p. 88)

Na paranóia, o significante mestre do trauma não está nem recalcado nem disperso. Enquanto a auto-recriminação que acompanha o encontro com o sexo na paranóia é submetida à *Verwerfung* (Foraclusão), o significante desse encontro traumático é submetido à operação do *Verhaltung* (retenção) – termo que Lacan toma emprestado de Kretchmer em sua tese sobre a paranóia. Aqui todos os significantes estão referidos a esse Um retido fixando o sujeito a um gozo traumático de um

real impossível de suportar. O sujeito paranóico se encontra retido por esse Um que não o deixa e a partir do qual ele entra em relação com os outros. O sujeito identificado com esse Um não se inscreve como (-1) em relação ao significante nem como (-1) em relação ao gozo. Ele é o Um – o *number one* – ao qual tudo se refere, daí o caráter megalomaníaco apontado desde Kraepelin nos paranóicos.

Na paranóia, temos também a identificação do Um com o Outro, com a particularidade de que o sujeito (desse Um) se faz de Outro para os outros – posição que o aproxima do canalha. Acreditar-se o Um, o único é sempre paranóico, assim como aquele que se acredita rei não é mais louco do que o rei que se acredita rei.[7]

[7] Lacan. *Escritos* (1995, p. 170)

The only one, o único, distingue-se do estar só, da solidão estrutural do sujeito em sua relação com a causa. A solidão do analista em seu ato não se refere ao Um e sim à falta de Um do Outro (S (Ⱥ)).

O gozo do S_1 é o gozo mais idiota, o gozo correlacionado ao falo que se encontra no fundamento do gozo do poder. O paranóico, identificado ao falo, revela sua natureza mais desnaturada devido à foraclusão da Lei.

O reino do Um, *der Einreich,* é o reino do tédio que só deixa espaço para o unário da fusão universal, jamais para o ato analítico. O Um que encarna o mestre é denunciado pelo histérico. O sujeito no discurso da histeria se recusa a dar corpo ao Um e desmascara o mestre como castrado, assim como o S_1 como castrado de gozo. O histérico, ou seja, o sujeito como tal, contesta não penas o Um do mestre mas todo Um, inclusive a própria existência do Um.

O discurso do analista desvela que o S_1 é um puro traço. É o único discurso em que o S_1 não pode ser encarnado: a pura materialidade significante é a característica de produção do sujeito numa análise. O discurso do analista desvela a impostura daquele que se pretende igual ao Um da exceção. Pois o Um não passa de um traço.

Em *O seminário – livro 20,* Lacan propõe um Um vazio de gozo que é o Um do nó borromeano que ele insiste tratar-se de um Um furado, ou seja, que "encerra apenas um furo", para mostrar nada além do fato de haver Um, que ele está aí para representar a solidão, pois não há meio do Um se vincular ao Outro.[8] O Outro é aqui definido com o Um-a-menos (S(Ⱥ)). No fim desse seminário, ele propõe a pluralização do S_1, devido ao fato de que o significante sempre é o Um-entre-outros. Os S_1 são uma pluralidade certamente, porém, organizados

[8] Lacan. *O seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-1973), (1982, p. 115)

em enxame do qual Lacan nos fornece a fórmula a partir do par ordenado S_1-S_2. A única função dos S_1 é assegurar a relação do sujeito com o saber. Lacan faz então deslizar o Um imaginário da copulação dos corpos à unidade da copulação do sujeito com o saber. O exame (*essain*) se encontra em Alíngua na qual apreendemos o Um da palavra, o Um da frase, o Um de todo o pensamento. Como extrair as conseqüências da pluralização do S_1 e de sua organização em enxame para a comunidade analítica? Eric Porge evocou um *Essainpsychologie* sem no entanto desenvolver suas regras[9]. Uma das regras para um *Essainpsychologie* (massa em enxame), em contraposição a uma massa comandada por um S_1 pode ser assim enunciada: colocar a céu aberto o debate entre os S_1 (produzidos por sujeitos diferentes) que se articulam ao saber psicanalítico dos textos fundamentais. Aliás, a teoria do enxame pode ser articulada com o Um ao qual se reduz o sintoma no fim da análise. Esse Um pode vir a ser a contribuição de cada um ao saber psicanalítico.

[9] Porge. *Essain* 1 (1998, p. 10)

o um da letra do sintoma

Em *Le séminaire – livre XXIV*, Lacan estabelece a distinção entre o Um universal e o Um da particularidade. O Um do universal não é um, pois o universal não existe. Mas isso não exclui o Um, pois "há Um", o do particular, pois, como diz Lacan, "por mais excluído que seja o universal, a foraclusão desse universal implica a manutenção da particularidade". Pode-se deduzir que o retorno do UM do universal no real, como na alucinação psicótica, dissipa o particular. Mas de que Um particular se trata? "Existe um que satisfaz à função. A lógica da função repara na lógica do um"[10]. Lacan em seu *O seminário – livro 22: R.S.I.* propõe escrever o sintoma como uma função f (x) que ele aproxima da letra para pontuar que o sintoma se escreve. A letra é a escrita do sintoma como um real; é a escrita do gozo do sintoma.

São os S_1 do inconsciente que vêem no lugar da variável, como diz Geneviéve Morel[11]. Numa análise, o sujeito chegando a decifrar os S_1, que comemoram a irrupção do gozo, pode escrever a escritura de seu sintoma. Assim, ele o identifica como uma escritura que fixa seu gozo. Trata-se do Um do sintoma-letra reduzido à sua unidade de gozo.

O fim de análise como identificação ao sintoma implica que o próprio sujeito seja ele mesmo o sintoma reduzido à sua escritura? Não, o sujeito como castração não se deixa jamais escrever, pois o sujeito não é Um, não é o Um do sintoma. Ademais, ele não faz Um com o sintoma mesmo que o sintoma permaneça o parceiro do sujeito.

[10] Lacan. *Le séminaire – livre XXIV: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, lição de 8/3/1977.

[11] "Témoiguage et reèlII", texto divulgado na Internet (por Geneviéve Morel na lista eletrônica dos Fóruns do Campo Lacaniano)

O fim de análise como identificação com o sintoma é pouco, diz Lacan. Isto pode ser interpretado como: isso não constitui um analista. Identificar-se com seu sintoma quer dizer identificá-lo como fixação de seu gozo para aí sim poder "tomar distância dele", "virar-se", "saber lidar". Essas três expressões de Lacan indicam a relação do sujeito com o sintoma, ou melhor, com essa identificação sintomática.

Para poder nomear seu gozo ou dar-se um nome de gozo é necessário chegar-se ao fim de análise? Não creio, o homem dos ratos poderia ter enunciado o nome de seu gozo logo após a primeira seqüência de deciframento do sintoma. O sintoma mostra na clínica que existe o Um do particular. Mas fazer do fim de análise o equivalente ao encontro do Um como idêntico ao sujeito equivaleria a uma foraclusão do sujeito. A identificação do sujeito com o Um do sintoma como paradigma de fim de análise, tal como efetivado na AMP, é correlato à política do Um do universal. O sintoma como objeção ao discurso do mestre foi degradado e rebaixado ao Um da coleção de AE e cada AE, a uma pérola do colar do gozo do Um, o único, o qual pendurou em seu pescoço para desfilar na arena internacional.

O sintoma reduzido do fim da análise não diz nada a respeito de como e o que constitui um analista. O Um do sintoma não diz nada sobre o passe – é antes um impasse no que diz respeito à virada de analisante a analista. Pois o analista não age com seu sintoma; saber lidar (*savoir y faire*) com seu sintoma na direção de uma análise significa poder dispensar o Um do sintoma para fazer de conta, *semblant* de objeto *a* para seu analisante. O analista deve poder tomar distância do Um de seu sintoma, e a condição para tal é não se servir dele nas análises que conduz e sim saber lidar com ele para não fazer o Um para o analisante. A saída do impasse do Um para o analista não é o sintoma-letra de gozo e sim o estilo.

O analista não opera com seu sintoma e sim com seu estilo, que é próprio a cada um, a partir do qual ele sustenta o operador lógico da análise que Lacan chamou de o desejo do analista[12]. Virar-se com seu sintoma quer dizer aqui: fazer calar seu sintoma[13] e operar com o desejo do analista que se expressa por meio de seu estilo e de sua enunciação. Por não ser um traço significante, o estilo não se presta à identificação. A transmissão pela via do estilo é o oposto da transmissão pela via do sintoma ao qual é possível identificar-se. O estilo é a marca não significante que o analista traz em seu ato e em sua interpretação. Podemos pensar a emergência de um estilo próprio a cada

[12] Quinet, Desejo de saber e passe (2002, p.266).

[13] Um dos exemplos de sintoma (*sinthome*) por Lacan é a mulher como sintoma do homem. Como seria concebível o analista operar *com* esse sintoma ou *a partir* dele?

analista como o correlato do passe, pois ele não se apóia nem na fantasia nem no sintoma. É o que resulta da travessia da fantasia e do que não foi apreendido no sintoma do fim de análise. Em relação ao sintoma, o estilo é da ordem do saber lidar (*savoir y faire*). O estilo não pode ser nem do Um nem do Outro do endereçamento, mas, como correlato ao objeto *a*, ele faz obstáculo a toda coletivização. Uma Escola que imponha um estilo a seus membros não poderia ser uma Escola de Psicanálise. A Escola do passe não deve ser a Escola do Um-passe e sim um enxame de estilos diversos que possa testemunhar que o Um passa e o estilo fica.



referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *Escritos* (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro* 9: *A identificação,* (1960-1961). Inédito.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre XXIV: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre.* Inédito.

PORGE, Erik. *Essain.* Paris, n.1, 1998.

QUINET, Antonio. Bleuler com Freud e Lacan. In: ALBERTI, Sonia (org.). *Autismo e esquizofrenia na clínica da esquize.* Rio de Janeiro: Marca d'Água Livraria e Editora, 1999.

QUINET, Antonio.Desejo de saber e passe. In: *Um olhar a mais.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

resumo

O autor aborda o tema do Um na teoria lacaniana. Inicialmente o Um no campo da linguagem em que diferencia o Um que constitui um conjunto (Um da síntese) do Um que expressa a unidade (Um da distinção). Em seguida aborda o Um no campo do gozo em duas partes. 1) O Um como significante do encontro traumático com o sexo que segue diferentes destinos conforme as estruturas clínicas (recalcado na neurose, retido na paranóia e disperso na esquizofrenia); 2) o Um da letra do sintoma que o sujeito identifica no final da análise e com o qual o analista deve saber lidar para conduzir as análises.

abstract

The author approaches the theme of The One in lacanian theory. First in the field of language in which he brings up the distinction between the One which makes a set (the One of the syntheses) and The One which expresses the unity (the One of the difference). Afterworks the author approaches The One in the field of jouissance in two parts: 1) the One as the signifier of the traumatic encounter with sexe which has different vicissitudes according to clinic structures (repression in neurosis, retention in paranoia and dispersion in schizophrenia); 2) The One of the letter of the symptom which the subject identifies at the end of his analysis and with which the analyst should know how to deal in order to be able to carry on the analysis of his analysands.

palavras-chave

unidade, o Um, sigificante unário, identificação, trauma, gozo, sintoma, letra

key words

unity, the One, the unairy signifier, identification, trauma, jouissance, synthom, letter